

“FERIDANDO” NAS ESCOLAS: IMAGEM VIRA DANÇA E PROFESSOR, POESIA!

Eixo: Ações de pesquisa, ensino e extensão voltadas para a sociedade

Djenifer Geske Nascimento¹

Andressa Vargas²

Mônica Corrêa de Borba Barboza (Orientadora)³

RESUMO

O presente estudo se propõe a relatar uma das experiências previstas pelo projeto de extensão “FeridaCalo nas escolas”. O referido projeto é vinculado ao Laboratório Investigativo de Criações Contemporâneas em Dança (LICCDA) do curso de Dança-Licenciatura da UFSM e tem a proposta de realização de ações artístico-pedagógicas nas escolas de Ensino Médio da cidade de Santa Maria. As primeiras ações ocorreram no primeiro semestre de 2018 na escola Olavo Bilac, com alunos do Curso Normal. A intervenção de Dança FeridaCalo foi apresentada e um bate-papo ocorreu entre bailarinos e alunos acerca do processo criativo que resultou na obra. Após esse primeiro momento, oficinas foram realizadas com o intuito de promover uma vivência semelhante ao processo de criação da intervenção. A obra FeridaCalo foi criada a partir do uso de imagens (BERTÉ, 2015) da vida e obra da artista mexicana Frida Kahlo e nas oficinas, os participantes trabalharam a partir do uso de imagens ligadas ao seu contexto: o ensino. A partir desta experiência, foi possível perceber que as oficinas de alguma forma, interferiram na formação dos futuros professores. O estudo provoca as autoras a investigar de que maneira esse tipo de vivência impacta esse contexto, já que a criação com imagens proporciona aos alunos levarem em conta os seus repertórios de movimento, uma vez que, não são impostos a eles padrões pré-estabelecidos.

Palavras-chave: Formação de professores. Dança na escola. Processo criativo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca relatar uma das ações previstas pelo projeto de extensão “FeridaCalo nas escolas”. O recorte dado diz respeito as oficinas ministradas no Instituto Olavo Bilac no primeiro semestre de 2018. Ao todo, foram ministradas 7 oficinas, com duração de 2 horas cada encontro. Todos ocorreram dentro horário de aula habitual e a turma possuía em torno de 30 pessoas. Ao término das oficinas, os alunos escreveram acerca da vivência. Esses relatos foram analisados pelas autoras a fim de obterem algum retorno acerca de quais foram os

¹ Acadêmica do Curso de Dança-Licenciatura, Universidade Federal de Santa Maria, annigeske@hotmail.com autor.

² Mestranda em Educação, Pedagoga e Especialista em Gestão Educacional (UFSM), Professora da rede pública estadual de ensino. E-mail: andressavargas7@hotmail.com

³ Mestre em Educação (UFPel), Pedagoga e Licenciada em Dança, Docente na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: monica.cborba@gmail.com.



impactos que a presença da Dança ocasionou aos mesmos. A escrita possibilitou que emergissem reflexões acerca da Dança dentro escola e de como a proposição de Dança Contempop pode ser (re)pensada a esse contexto.

A escrita foi dividida em três partes: na primeira parte, discorremos sobre o surgimento do referido projeto e na segunda, abordamos especificamente sobre o desenvolvimento das oficinas. Em seguida, trazemos reflexões a partir das percepções dos alunos a respeito destas experiências. Por fim, trazemos algumas questões e apontamentos finais.

O “FERIDACALO” NAS ESCOLAS

O projeto de extensão “FeridaCalo nas escolas” está vinculado ao Laboratório Investigativo de Criações Contemporâneas em Dança (LICCDA). Neste grupo, acadêmicos dos cursos de Dança Bacharelado e Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) experimentam através do uso de imagens, novas formas de criação em Dança. Essa perspectiva denominada Dança Contempop foi idealizada pelo professor e coreógrafo Odailso Berté que também coordena o Laboratório. De acordo com Berté (2015), o Contempop diz respeito a uma proposição criativa que busca aproximar dois campos: Dança e Cultura Visual. Quando se refere à Cultura Visual, Berté (2015, p.10) explica que o foco dado neste caso diz respeito as relações que os sujeitos constroem com as imagens. Berté (2015) afirma:

A Cultura Visual ressalta os modos como os corpos se relacionam com estes artefatos e com essas imagens, os usos que fazem desses e os significados que lhes atribuem em meio aos complexos e diversificados contextos dos quais faz parte. (p.10)

De acordo com Berté (2015) o nome “Contempop” une os termos “Dança Contemporânea” e “Cultura Pop”. Dança Contemporânea no entendimento do autor não diz respeito a uma modalidade ou estilo de Dança, mas de quebra de fronteiras já estabelecidas, o pensamento contemporâneo de Dança é uma postura, um perguntar e perguntar-se. Berté (2015, p.134) se reporta a alguns autores para explicar seu ponto de vista acerca desta Dança, dentre estes Katz (2004). A autora diz que para esclarecimento do que seja ou não dança contemporânea é preciso observar se a obra faz uma pergunta, se ela indaga, ou seja, se ela afeta (de forma

negativa ou positiva) o espectador. Já a Cultura *Pop* Berté (2015) comprehende como um movimento originário na década de 60 que esteve intimamente ligado ao modo de vida das pessoas daquela época. É uma “manifestação cultural essencialmente ocidental, nascido no contexto de uma sociedade industrial capitalista e tecnológica” Berté (2015, *apud* Osterworld, 2011, p. 06).

O autor utiliza a cantora Madonna como exemplo desta manifestação, afirmando que o *pop* buscou assim como a artista⁴ desgarrar-se do formalismo da arte moderna, utilizando a experiência do cotidiano, objetos industrializados e a fisicalidade do corpo para aproximar a arte da vida. Arte, que até então estava presente em locais específicos “passa a ser exposta, espalhada e replicada pelo mundo, rompendo convenções e formatos privilegiados pelas belas artes, pela estética e pelas filosofias clássicas e modernista” (BERTÉ, 2015, p.97).

A Dança Contempop trabalha de modo criativo e pedagógico com as experiências dos bailarinos. Nos procedimentos criativos, essa proposição ocorre na relação corpo-imagem. O autor dilata o conceito de imagem compreendendo-a como artefato, como ideia e como ação do corpo. Como artefato, o autor entende a imagem-artefato não apenas como representação, mas também como “vivência/experiência/afetividade articuladora de significados existenciais e simbólicos” (BERTÉ, 2015, p.136).

Segundo Berté (2015) “vendo ou criando imagens, os corpos podem narrar-se por meio delas e pelos modos como as usam ou lhes atribuem significado” (p. 136). Para explicar o conceito de imagem-ideia o autor se reporta a Damásio (2009) para explicar que “imagens de quaisquer modalidades operam como ideias, representações, ou seja, padrões conscientemente relacionados a algo” (p.141). A imagem neste entendimento pode ser instaurada na relação com objetos, corpos, lugares e recordações a partir da memória. Já como imagem-ação o autor comprehende o corpo como metáfora, ou seja, a ação corporal enquanto imagem.

A Dança criada a partir da relação do corpo com imagens artefato-ideia-ação coloca as experiências dos bailarinos em evidência, dando oportunidade de serem também criadores. Na escola, instituição onde muitas vezes ainda predomina é o ensino “bancário” e reproduutivo criar com a proposição de Dança Contempop

⁴ Madonna abandonou uma escola de Dança Moderna onde dançava para dedicar-se ao Pop.



poderia auxiliar os estudantes a desenvolverem maior autonomia.

Berté (2015, p.143) juntamente com os autores Tourinho e Martins (2013) afirmam que “os estudos da cultura visual analisam fenômenos populares altamente entendidos como culturais”. Levando em conta ao que Freire (1996) dizia acerca da valorização dos saberes oriundos das classes populares, posso supor, que relacionar Dança e Cultura Visual, utilizando mais especialmente esta proposição na escola poderia ser uma forma de fazer com que os alunos tenham identificação com as criações realizadas neste espaço.

A experimentação com o uso da metodologia de Dança Contempop, resultou no ano de 2016 na obra de Dança “FeridaCalo”. No processo criativo foram utilizadas imagens da vida e obra da artista mexicana Frida Kahlo. Este espetáculo foi apresentado em diversos locais dentro e fora da cidade de Santa Maria. Abaixo encontra-se uma imagem do referido espetáculo:



Bailarinos durante a apresentação no Museu de Arte de Santa Maria
Registro: Dartanham Baldez Figueiredo

Na primeira metade do ano de 2018, o “FeridaCalo nas escolas” visou levar para dentro do espaço formal de ensino algumas ações, sendo elas: a apreciação da obra pelos alunos, um bate-papo sobre o processo criativo que resultou na obra e oficinas com o intuito de proporcionar aos alunos uma vivência criativa parecida com o de FeridaCalo. O público das oficinas era composto pelos alunos do Curso Normal com faixa etária bem variada. Nestes encontros eles vivenciaram a experiência de criar Dança a partir do uso de imagens⁵.

⁵ A autora Djenifer Geske Nascimento ministrou as oficinas enquanto Mônica Barboza a orientou. Em alguns momentos das oficinas, Mônica também ajudou a conduzir algumas atividades. Andressa



AS OFICINAS

Nas oficinas, os participantes trabalharam a partir do uso de imagens ligadas ao contexto do ensino. Trabalhamos ao longo dos encontros com dois procedimentos de criação. No primeiro, os alunos trouxeram para a aula imagens relacionadas ao tema previamente pesquisadas. Reunidos em grupos, criaram uma movimentação para cada imagem compondo ao final uma pequena sequência. Abaixo encontra-se uma das imagens trazidas pelas alunas. Na imagem, um cadeado enferrujado. Na abertura que serve para que a chave ali se encaixe, encontra-se uma pequena planta com cores vibrantes que contrastam com as cores apáticas do restante da imagem.

O cadeado segundo a própria pessoa que a escolheu representava o ensino tradicional e autoritário. Este sendo para ela ultrapassado. E a planta seria o aluno tentando aprender em meio a esse sistema. A planta também poderia representar outras práticas de ensino, que poderiam possibilitar o desenvolvimento da autonomia e a criatividade do aluno.



Imagen trazida por aluna durante processo criativo



Fonte: desconhecida

A movimentação criada a partir desta imagem foi realizada por três participantes. Duas delas, encostadas uma na outra uma tentava impedir que a outra passasse fazendo uma tensão com os seus corpos. A participante então procurava brechas no meio das duas até que conseguisse passar para o outro lado.

No segundo procedimento, levamos imagens selecionadas por nós, diferentemente da primeira proposta. As imagens foram relacionadas com a mesma temática e em duplas, os alunos pensaram em palavras que representassem cada uma. A partir de então, criaram uma nova célula. A seguir uma das imagens que havia levado aos alunos:



Imagen que a ministrante levou aos alunos

Fonte: desconhecida

Na imagem acima, encontra-se uma representação de uma sala de aula, nela há classes escolares. Alguns seres que possuem membros inferiores semelhantes aos de um ser humano situam-se sentadas. No lugar do restante do corpo há orelhas gigantes. A frente e em pé um ser com cabeça de boca gigante aponta o dedo para os demais.

A referida imagem foi mostrada a toda turma para que uma interpretação fosse feita. Lembro-me dos alunos falando que a boca representava a figura do professor e as orelhas os alunos. A partir desta interpretação conversamos acerca das diversas formas em que relações entre professores e alunos podem se dar. Muitos dos participantes falaram sobre a concepção ainda presente em seus cotidianos de uma relação pautada no entendimento de que os alunos devem fazer silêncio (e por isso a orelha os representando) enquanto o professor ensina o conteúdo. Os alunos não podem discordar ou argumentar acerca da opinião do

professor. Não há uma preocupação em torná-los seres críticos e autônomos de pensamento.

Segundo Freire (1970), o ensino pautado no entendimento de que os alunos são recipientes onde professores depositam conteúdos é denominada por ele como educação bancária. A educação nesse sentido, comprehende que o aluno não possui saberes anteriores à escola.

Depois deste procedimento entramos no processo de composição das células de movimento, onde as criações feitas resultaram em uma coreografia de toda turma.

Neste contexto, havia uma grande diversidade de faixa etária no grupo, tendo desde adolescentes até senhoras. O modo como cada faixa etária se relacionava com a Dança era diferente. Enquanto os jovens gostavam de zumba e funk, haviam aquelas que não se familiarizavam tanto com esse tipo de Dança, mas todas as faixas etárias tinham algo em comum: estavam ali porque queriam ser professores. O Contempop neste sentido contemplou essas particularidades dando espaço para estes diferentes contextos, embora tenha sido um desafio pensar em uma abordagem que fizesse com que todos se interessassem pela proposta.



Momento inicial de aula
Fonte: Arquivo pessoal



RELATOS DOS PARTICIPANTES

Depois que as oficinas ocorreram, os alunos responderam a um questionário acerca de toda a vivência. No início dos encontros, um aquecimento era realizado. Este aquecimento além de preparar os alunos para a criação tinha o intuito de dar algumas opções aos participantes sobre quais atividades poderiam levar aos seus futuros alunos. As atividades quase sempre tinham relação com criação e improvisação. Ao ser questionada acerca destes momentos iniciais de aula e as possíveis reflexões acerca da presença da Dança na escola, uma das alunas respondeu: “Consegui perceber a importância da prática da Dança para o conhecimento do corpo, gostei dos exercícios de criação de dança, pois desperta a criatividade e a autonomia.”

Acerca dos momentos de criação com as imagens, alguns alunos afirmaram ter dificuldades enquanto outros afirmaram ter facilidade na realização das tarefas. Os alunos que tiveram dificuldades relataram que a forma de condução forneceu segurança aos mesmos.

Percebemos também a partir das escritas, que as oficinas auxiliaram em uma maior compreensão por parte dos alunos acerca da metodologia de criação que resultou na obra FeridaCalo. A partir dos relatos é possível afirmar que conhecer a criação em Dança a partir da própria prática auxiliou os alunos a construir um entendimento muito mais significativo do que se somente tivessem participado do bate-papo sobre o processo criativo.

A última questão dizia respeito ao impacto que a oficina deu na formação dos professores. Os impactos segundo eles, se deram desde a um autoconhecimento ocasionado da prática de Dança até em uma compreensão mais ampla que se construiu acerca da referida área. Os mesmos afirmaram que a partir das oficinas se motivaram a desenvolver práticas com Dança para crianças e que tiveram novas ideias de possíveis atividades para este público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a partir da análise dos relatos, que as oficinas de alguma forma interferiram na formação dos futuros professores. A partir das imagens



trazidas, houve momentos de ricas discussões sobre educação, avaliação escolar, metodologias e abordagens de ensino. Foi possível dar vazão à como elas(es) se percebiam enquanto alunas(os) e como isso reverberava em suas práticas profissionais.

Ao longo da experiência, o grupo foi diminuindo em decorrência de que muitos alunos foram desistindo do curso e percebemos que conforme o grupo foi diminuindo pudemos dar uma atenção mais individualizada a cada um, além de conhecê-los melhor. O grande número de alunos no início do processo impossibilitou que um aprofundamento maior pudesse ser dado ao processo criativo, mas ao mesmo tempo, o desafio foi válido, pensando que a vivência possa ter sido um “ensaio” sobre a realidade na qual possivelmente teremos na inserção da Dança como área de conhecimento presente no currículo formal.

A partir desta experiência, foi possível perceber a importância que tem a Arte na formação humana. Estes futuros professores, conhecendo a importância da Arte poderão pensar de que maneira isso poderá estar presente em suas aulas futuramente. Percebemos que ações envolvendo o corpo em movimento ainda se fazem pouco presente na realidade dos alunos do Curso Normal. Cria-se a partir daí uma parceria que poderá ocasionar em outras ações de Dança para este contexto.

REFERÊNCIAS

BERTÉ, Odailso. **Dança Contempop**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2015.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996